

## ARTES CÊNICAS

Quinze anos depois de estrear, a peça se adapta ao formato on-line para falar da pandemia, de Donald Trump e do Brasil de Jair Bolsonaro. Espetáculo gratuito vai ao ar no YouTube

# GERALD THOMAS RECREIA "TERRA EM TRÂNSITO"

GUILHERME AUGUSTO

Quando "Terra em trânsito" estreou, em 2006, a peça escrita e dirigida por Gerald Thomas tecia críticas ao então presidente dos Estados Unidos George W. Bush, cuja política bélica endureceu após os ataques de 11 de setembro de 2001. Passados 15 anos, o texto foi atualizado para a estreia em formato virtual neste sábado (10/4), às 20h, via YouTube. Nessa nova versão, o dramaturgo e diretor expressa seu desgosto com Donald Trump, Jair Bolsonaro e o atual estado do Brasil e do mundo, o que inclui a pandemia do novo coronavírus.

"O momento é outro, mas ele não é tão outro, porque a humanidade fica girando em círculos, justamente o ponto da peça", afirma Gerald Thomas. "Essa circularidade e repetição, às vezes até insuportável, está na política, nas questões sociais, nos regimes, nos costumes, na moda. Reescrevi algumas partes, mas a peça poderia ser encenada como foi em 2006. Muda o presidente, mas não muda a figura da Presidência."

**ÓPERA** Em "Terra em trânsito", uma solista (vivida pela atriz Fabiana Gugli) está prestes a entrar no palco para interpretar a ária "Liebestod", da ópera "Tristão e Isolda", de Richard Wagner. No camarim, ela começa a perder a noção da realidade enquanto dialoga consigo mesma diante do espelho – ou da câmera, na versão gravada. Tudo fica ainda mais alucinante com a entrada do cinejudeu (manipulado por Isabela Carvalho e com a voz do ator Marcos Azevedo), que é alimentado à força para virar foie gras.

O espetáculo conta com a participação de Ney Latorraca, que faz uma falsa chamada de vídeo com Fabiana Gugli. Os dois travam um diálogo metalinguístico sobre a peça e citam o jornalista Paulo Francis, cuja voz abria a versão anterior da montagem. A partir daí, começam as falas alucinadas que, de certa forma, têm relação com a realidade.

A primeira versão virtual da peça surgiu em julho de 2020, em apresentação única em projeto do Sesc. Naquele momento, ensaios eram feitos de forma remota, pois Gerald Thomas mora em Nova York, nos Estados Unidos, e o restante da equipe no Brasil. Por ter sido uma transmissão ao vivo, não houve muita preocupação técnica em relação à qualidade da imagem. Na versão gravada, Leon Barbero ficou responsável pela direção de filmagem e edição.

"Foi filmado com câmera de cinema, então a imagem é belíssima. Permitiu a coloração da maneira como imaginei", conta o dramaturgo. "Fizemos a gravação pelo Zoom, então alguns movimentos de câmera não foram possíveis. A direção a distância impõe certos limites. Para algumas situações, é necessário estar no mesmo lugar."

Gravada em dois dias de fevereiro, o cenário foi um quarto da casa de Fabiana Gugli. "É um filme, com nenhuma externa. Existem muitos filmes assim, como o 'Dogville'. É interno, dá a sensação de clausura", afirma Gerald Thomas.

Apesar da referência ao filme de Lars von Trier, lançado em 2003, o diretor não acredita que está fazendo cinema, tampouco teatro. "Não é nenhum dos dois", garante.



ADRIANE GOMES/DIVULGAÇÃO

O diretor Gerald Thomas avisa que a nova versão de "Terra em trânsito" não é teatro nem cinema

*"O momento é outro, mas ele não é tão outro, porque a humanidade fica girando em círculos, justamente o ponto da peça (...). Essa circularidade e repetição, às vezes até insuportável, está na política, nas questões sociais, nos regimes, nos costumes, na moda"*

■ Gerald Thomas, dramaturgo e diretor

"Tendo a rejeitar a ideia de que a gente está inventando uma nova coisa. O que estamos fazendo é colocar esparadrapo em cima de uma ferida, o que significa que não é uma medida permanente, mas provisória. Para cicatrizar mais rápido, depois vamos tirar", diz.

De acordo com o diretor e dramaturgo, as experiências virtuais surgidas na pandemia não são "confortáveis" e acaba-

irão abandonadas assim que as atividades presenciais forem retomadas. Até lá, ele tenta compreender as especificidades do produto feito para a internet. Uma das principais é a ampliação do público. "Quando você tem uma peça no espaço físico e o público de teatro vai te ver, se não conhece sua obra ele pelo menos tem uma boa noção do que vai ver. Quando a coisa é pela internet, você tem que

abrir um pouco o confinamento da sua mente e ser mais acessível", analisa.

Outra característica que deve ser levada em conta é a volatilidade da atenção do espectador. "As pessoas estão em casa, param para buscar algo na geladeira para comer, mexem no celular, tem a interferência do barulho ambiente. Você tem de prender o público, há uma preocupação maior com isso."

Também é necessário cuidado com o conteúdo apresentado. Apesar da classificação indicativa de 14 anos para "Terra em trânsito", a transmissão é gratuita. Por conta disso, em vez de ser viciada em cocaína, a solista consome uma série de remédios, representados por jujubas.

"Tomar pílula mata do mesmo jeito que cheirar pó ou beber álcool. Mas as plataformas têm essas coisas. Algumas coisas podem e outras não. Existe esse subjetivismo, essa arbitrariedade. Hoje, já é liberado fumar maconha quase nos Estados Unidos inteiro. Antes, a Lei Seca proibia o consumo de álcool. Tudo vai e volta. A Terra está em trânsito o tempo todo, se repetindo. Acho uma 'curetagem' não poder fazer certas coisas", diz.

**SUPER BOWL** Para ele, isso não é algo novo. "O mundo é limitado desde que Janet Jackson mostrou metade de um bico de peito em 2004, no Super Bowl, e isso chocou muita gente. Existe uma hipocrisia que rola e é absolutamente ridícula."

Com 66 anos e já vacinado contra a COVID-19, Gerald Thomas tem planos para outros projetos de teatro on-line. "Os teatros não vão abrir tão cedo e não quero parar de trabalhar", afirma.

Ele pretende revisitar peças de Samuel Beckett, também com Fabiana Gugli. A parceria artística da dupla, que foi casada por sete anos, já tem duas décadas. "Beckett é o que mais caberia nesse formato sem grande deturpação do conteúdo. Retomar esse mundo negativo, perplexo, deprimido, pessimista não só cabe ao tempo de hoje, como também serve ao formato de uma câmera que pode se aproximar de uma boca para desabafar, por exemplo."

Como ele brinca, recorrer ao dramaturgo irlandês é dialogar com o jogo criado em "Terra em trânsito". "Estreei em Nova York há 40 anos com Beckett.", observa.

**"TERRA EM TRÂNSITO"**

Estreia neste sábado (10/4), às 20h, por meio do YouTube, com acesso exclusivo pelo link [bit.ly/terraemtransito](https://bit.ly/terraemtransito). Gratuito. Classificação: 14 anos. A peça estará em cartaz em 11, 17, 18, 24 e 25 de abril, sempre às 20h. Entre 1º e 31 de maio, ela ficará disponível no YouTube

## CINEMA

## Festival exhibe filmes sobre a deficiência

MARIANA PEIXOTO

Em 1999, Graciela Pozzobon estreou o curta "Cão guia", de Gustavo Acioly, em que interpretava a cega Lúcia. O filme, basicamente uma história de amor, teve carreira inesperada, com prêmios nos festivais de Gramado, Brasília e do Rio. O diretor e a produtora Lara Pozzobon, irmã de Graciela, foram convidados a exibi-lo em um festival alemão. Chegando lá, descobriram que o evento tinha foco em filmes sobre deficiência.

No retorno para o Brasil, veio a ideia de fazer um festival nos mesmos moldes, evento então inédito no país. Em 2003, nascia o Assim Vivemos – Festival Internacional de Filmes sobre Deficiência, que vem realizando edições bienais nas unidades do Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) do Rio, São Paulo e Brasília.

Neste sábado (10/4), tem início a primeira versão on-line do evento, com a seleção de filmes –



"O que pode um corpo", curta de Victor Di Marco e Marcio Picoli, aborda a paralisia cerebral de Victor

nacionais e internacionais, curtas e longas – exibidos ao longo de quase duas décadas.

**DEBATES** Até quarta-feira (14/4), em duas sessões diárias, estarão em cartaz filmes do Brasil, Bielorrússia, Canadá, Espanha, França, Irã, Israel, Moçambique, Mianmar, Rússia e Tailândia. Após as

exibições haverá debates sobre diversidade, vida independente e autismo, entre outros temas.

A programação só exibirá filmes produzidos por deficientes ou que tratem do tema. Todas as sessões oferecerão recursos de acessibilidade: audiodescrição, legendas LSE (para surdos e ensurdecidos) e interpretação em libras.

Desde 2019 à frente do festival, Graciela Pozzobon percebeu que a versão on-line poderia ampliar o acesso ao evento. "É uma demanda que a gente identificou desde sempre, pois os filmes ficam restritos à exibição no festival e têm circulação pequena", conta ela, que nunca conseguiu realizá-lo no CCBB

de BH. A capital mineira só recebeu o evento em 2009, no extinto Savassi Cineclube.

A versão digital não invalida a presencial – a décima edição, só com produções inéditas, está prevista para o segundo semestre. Ainda não se sabe qual o formato, se híbrido ou não, pois isso depende da evolução da pandemia. Mas até segunda-feira (12/4) interessados em participar podem se inscrever na plataforma FilmFreeway (<https://filmfreeway.com/assimvivemos>).

Quatro filmes brasileiros estão na programação, dois deles documentários inéditos. "Stimados autistas" (2020) é de Cristiano de Oliveira, fonoaudiólogo que aos 34 anos recebeu o diagnóstico de autismo. Ele ouviu outros adultos diagnosticados tardiamente. Já o curta "O que pode um corpo?" (2020), de Victor Di Marco e Marcio Picoli, trata da paralisia cerebral – Victor filma a si mesmo, portador da deficiência.



"Mona" traz a primeira negra cadeirante que se apresentou no Teatro Municipal de São Paulo

**ASSIM VIVEMOS**

A edição on-line do festival será realizada deste sábado (10/4) até quarta-feira (14/4), no site [www.assimvivemos.com.br](https://www.assimvivemos.com.br). Sessões diárias às 15h e às 17h, seguidas de debate, às 19h. Após a exibição do dia, as produções ficarão disponíveis até 14/4. Gratuito